

NOMADISMO, PENSAMENTO, LIBERDADE

Alessandro Carvalho Sales¹

RESUMO: O texto expõe algumas das relações entre nomadismo, pensamento e liberdade, inquietações e temas expressados na obra de Daniel Lins, sobretudo a partir de um recorte que circunscreve suas apropriações de Artaud, Deleuze, Guattari, e de Deleuze/Guattari.
PALAVRAS-CHAVE: Daniel Lins. Nomadismo. Pensamento. Liberdade.

Nomadism, Thought, Freedom

ABSTRACT: The text exposes some of the relations between nomadism, thought and freedom, concerns and subjects expressed in the work of Daniel Lins, especially according to an approach that circumscribes his appropriations of Artaud, Deleuze, Guattari, and Deleuze/Guattari.
KEYWORDS: Daniel Lins. Nomadism. Thought. Freedom.

Para existir basta abandonar-se ao ser
mas para viver
é preciso ser alguém
e para ser alguém
é preciso ter um OSSO,
é preciso não ter medo de mostrar o osso
e arriscar-se a perder a carne.
(Antonin Artaud)

¹ Doutor em Filosofia pela UFSCar – Universidade Federal de São Carlos e Professor Adjunto do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UniRio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: alessandro_sales@uol.com.br

Como os nômades habitam? Segundo Deleuze e Guattari, os nômades habitam um espaço que poderíamos chamar de espaço liso, não quadriculado, aberto e multidirecional, uma espécie de deserto, ao passo que os sedentários habitam um espaço já anteriormente demarcado, pré-concebido e pré-fabricado, já devidamente modelado, espaço que chamaríamos de estriado. A distância entre o liso e o estriado, porém, diz respeito, sobretudo, à distância entre espaços de pensamento, entre, digamos, dois espaços mentais. Assim, o nômade e o sedentário não pensam do mesmo jeito, não estão no mundo da mesma maneira, constituindo modos de vida bem diversos.²

Nesse sentido, talvez possamos inverter a proposição. Mais que habitar, o nômade é tomado ou habitado por um espaço mental desértico, sem grandes fronteiras nem referências, ainda não totalmente tomado por modelos prévios. No entanto, é fato que nosso pensamento mais parece funcionar como um prolongamento do Estado, é por ele marcado, esquadrinhado, fixado: eis o sedentário. O pensamento está aí disposto em conformidade a um espaço que o Estado nos impõe, como se houvesse uma contiguidade, um sequenciamento, entre nosso espaço mental, os espaços em geral (o da casa ou da cidade, por exemplo) e o espaço que o Estado organiza. É uma linha franca, sem interrupções, em função da qual o espaço mental termina por ser uma filial estatal, e em sua superfície se inscrevem as mais características formas de gerir, normatizar, coibir... De outra maneira, o pensamento, nesse caso, simplesmente obedece e assente às estrias, às geometrias estatais. É preciso dizer que, muitas vezes, dispomos um Estado na cabeça, com sua estrutura rígida e pesada, pouco móvel.

O que seria, pois, um pensador nômade? Como se deixar habitar por um pensamento sem Estado, que combate e avança diante de toda sorte de limites e fronteiras? O prolífico filósofo e escritor Daniel Lins não à toa é apontado como um nômade – mas como enxergar alguns dos contornos de seu nomadismo singular?

Um signo forte de seu nomadismo, ao que nos parece, é expressado em sua relação inequívoca com a figura de Antonin Artaud e de suas investigações em torno da noção de um corpo

² Claro, tal contexto pode se complexificar: "O espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso." (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 192). Contudo, seguem ainda os autores: "Num caso, organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo. Note-se que as misturas de fato não impedem a distinção de direito, a distinção abstrata entre os dois espaços" (ibidem).

sem órgãos, provocação originalmente mobilizada pelo poeta, ator e dramaturgo francês, e retomada em trabalhos de Deleuze, ou de Deleuze/Guattari. Gostaríamos inicialmente de tomar aqui não apenas o texto *Antonin Artaud – O Artesão do Corpo sem Órgãos* (Ed. Relume Dumará, 1999), mas também o livro *Estética como Acontecimento – O Corpo sem Órgãos* (Lumme Editor, 2012).

É que, neles, Daniel Lins dá a ver incisivamente algumas das direções de seu combate, na medida em que se trata de desmontar certa imagem do pensamento ocidental. Vejamos: “Ao contrário de um pensamento inato, o pensamento sem imagem, o pensamento selvagem, bravo, arisco, associal, é explicitamente arredio ao conformismo, a algo antecipadamente dado ou imposto por uma transcendência.” (2012, p. 21, grifo do autor) Tudo se passa como se a ideia de corpo sem órgãos enfeixasse e desse a ver a força desse pensamento sem imagem, em contraponto a um certo inatismo do pensamento, tomado em seu voluntarismo e em sua boa vontade, em seu exorcismo permanente quanto ao problema do erro, em sua fixação quanto à condição de um método capaz de expurgar o corpo e suas paixões para que assim, supostamente, seja possível pensar de maneira adequada ou correta. De outro modo, é preciso que o pensamento seja forçado a pensar, segundo a violência de um signo capaz de retirá-lo de seu torpor voluntarista, para além da paranoia quanto à ideia de erro, assim apostando no corpo como aliado e consoante o estatuto de suas virtualidades sensíveis. Afirma Lins: “A violência para enfrentar o pensamento determinado, a imagem dogmática do pensamento; a violência, pois, como potência positiva, como uma vontade de tudo; uma potência que encontra sua força inventiva no arrombamento” (2012, p. 20, grifo do autor). Entre outros escritores, foi através do binômio Artaud/Deleuze que nosso autor inventou um lugar no qual é possível pensar, aí erigindo alguns dos caminhos de sua obra, como se, nesse espaço singular, encontrasse meios em função dos quais pudesse encaminhar e desenvolver a contento, ao seu modo, a questão kantiana: *Que significa orientar-se no pensamento?*

Por essas direções, o combate de Lins, se tem como alvo o ultrapassamento de certa imagem dogmática do pensamento, é indissociável de uma perspectiva capaz de dobrar o ordenamento *moral* das coisas. Numa palavra, um outro inimigo é tornado patente: o juízo transcendente responsável precisamente por esse ordenamento moral. Dessa maneira, sua produção se deixou, por exemplo, atravessar por inumeráveis intercessores minoritários, muitas vezes à margem da Filosofia. Lins buscou dar dignidade ou cidadania filosófica a temas como o alcoolismo, o cotidiano, o futebol e o esquecimento; a espaços como o mangue, o sertão, os quilombos, o nordeste; a

problemas instaurados a partir de figuras como Lampião e Ayrton Senna. Para ele, tudo isso é capaz de instigar a filosofia, de engendrar-la, de produzir pensamento.

“Por que é tão importante escapar ao juízo?”, indaga ele em um outro trabalho (2004, p. 66). Justamente porque será razoável não se sujeitar à ilusão de qualquer tipo de Verdade última, unificadora ou absoluta, pois isso nos aloja em um jogo de submissão cujo preço maior não é outro senão o de nossa própria liberdade. O juízo esvazia o mundo de sua diversidade sensível, de seus afetos mesmo, em nome finalmente de uma ficção, certamente benquista, claro, pelos Poderes. Esse problema, o autor o encarou no livro *Juízo e Verdade em Deleuze*.³

Uma vez em combate com o juízo transcendente, uma vez que se trata de *dar um fim ao juízo*,⁴ resta a Lins encontrar meios e critérios em função dos quais seja possível levar a termo uma avaliação imanente dos casos e contextos. Mas como avaliar? O que pode ainda ser critério? Perscrutar o movimento dessas interrogações, avançar nessa problematização, isso nos leva novamente a Artaud e ao corpo sem órgãos (CsO). Temos aqui uma pista:

Deus nos modelou um organismo, muitas outras coisas nos fazem um organismo, cabe-nos agora desestruturá-lo. Desfazer o organismo para encontrar uma vitalidade que não depende dos órgãos (...). Procurar seu CsO é desejar uma vitalidade: cuidado de si e das possibilidades dos corpos, preocupar-se com as maneiras de afetar e de ser afetado (LINS, 2004, p. 74).

Percorrendo sua obra, é marcante o quanto o autor não hesita em levar a termo uma força crítica implacável, uma crítica aguda, no melhor estilo nietzscheano. E o motor dessa crítica é uma leitura vitalista ou, se quisermos, clínica, na medida em que ele parece o tempo todo buscar detectar e valorizar os lugares de pensamento nos quais há passagens de vida, devires em processo, conexões indomesticadas com um fora imanente. Marquemos ainda a especificidade desse vitalismo – profundo, impessoal e, em certo sentido, transcendental –,⁵ incapaz de se coadunar com os pressupostos de qualquer ideal hegemônico ou dominante de saúde.

Nesse sentido, tudo se passa como se Lins se apropriasse da seguinte questão, colocada por Deleuze: “Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo

³ Afirma Lins: “(...) a filosofia de Deleuze é um ateísmo libertador, como o de Nietzsche. Uma maneira de terminar com a moral” (2004, p.66).

⁴ Remetemos aqui o leitor ao texto “Para dar um fim ao juízo”, de Deleuze, na coletânea *Crítica e Clínica* (1997). É um texto de referência para Daniel Lins e no qual Deleuze faz uma de suas confrontações diretas com a problemática do juízo, ora colocado em contraponto a proposições de Nietzsche, Lawrence, Kafka e Artaud.

⁵ Transcendental pois implicado nas condições complexas de um campo transcendental ainda sem sujeito nem objeto. Quanto a esse vitalismo singular, cf. o último trabalho publicado por Deleuze, *Imanência: uma vida...* (2016), bem como o texto “A literatura e a vida”, na coletânea *Crítica e Clínica* (1997).

homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles?” (1997, p. 14) Ou ainda, como se ele buscasse problematizar, exaustivamente, a seguinte fórmula, também de Deleuze: “O afeto como avaliação imanente, em vez do julgamento como valor transcendente” (1990, p. 172). Trata-se, pois, de praticar insistentes exercícios de cartografia nos quais se solicita uma apurada sensibilidade aos signos e forças imanentes em questão, para sopesar e descrever, sempre caso a caso, essas *visões e audições*, provendo-lhes linguagem e empenhando-se também por fazê-las proliferar, relacionando-as, ampliando-as, inusual sintomatologia como empreendimento de uma saúde imprevista.

Notemos ainda o quanto os apontamentos aqui exibidos fazem-se indissociáveis de uma certa teoria da leitura e da escrita, desde que circunscritas numa espécie de antimetodologia. Leitura e escrita são atos que ganham valor, para Lins, sob o ponto de vista de uma prática rizomática (cf. LINS, 2007 e 2008), já que, se os métodos convencionais de leitura e produção de texto fazem apelo a toda sorte de formalismo como regra de base, muitas vezes lhe esterilizando as singularidades – pois desbastadas ou postas a reboque sob o jugo de formas e interpretações prévias, exteriores –, é mais interessante, de outro modo e em todo caso, encontrar e potencializar os vínculos entre os princípios estruturantes de um texto com os elementos informais que lhe são imanentes, ativando uma *leitura/escrita em intensidade*, na condição então de uma *experimentação*, inclusive porque ficaria assim facultado o espaço ideal de uma relação afirmativa entre o rigor e a criação.

A ideia de rizoma, tomada de empréstimo a Deleuze, não pode deixar de ser cara a Lins. Mas rizomatizar não nos faz retomar a tessitura nômade? Falávamos do nômade como aquele que, desimplicado dos aparelhos estatais em geral, é atravessado por uma extraordinária potência de mobilidade: o nomadismo, aqui, não tem a ver com deslocamento físico, mas intensivo. São velocidades de pensamento. Nomadizar é encontrar meios para liberar o pensamento de sua forma-Estado, de sua forma-árvore, de sua forma-homem, engajando-o em máxima velocidade e em perspectivas inesperadas.

É assim finalmente que Daniel Lins nos mostra o que pode o prefixo *trans*, cujo vigor localizou especialmente em suas leituras de Guattari.⁶ Levando ao limite e arrastando as fronteiras – seja

⁶ Cf., por exemplo, o texto “A transversalidade”, presente na obra *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional* (2004), de Félix Guattari. Sobre o assunto, em *Estética como acontecimento – o corpo sem órgãos*, afirma Lins: “No fundo, que diz Guattari ao propor o conceito de transversalidade? Todo conceito novo, a novidade, aquilo que não se sabe de antemão, ao eclodir em alguns campos repercute alhures, sob outras formas. Cada campo tem sua especificidade (...) mas todos reagem à aparição de um novo conceito.” (2012, p. 23)

entre disciplinas, entre espaços, entre autores, entre culturas, assim lhes propondo um jogo permanente de contaminações recíprocas –, mostrando ainda o quanto temas e objetos inusitados são capazes de mobilizar e se conectar com a filosofia, dessacralizando-a numa reversão metodológica que nos conduz ao coração mesmo de uma contemporaneidade tornada nossa, conseguiu nos propor o valor de um salto e de uma seminal ideia em filosofia: passar da epistemologia ao pensamento é algo que nos compromete em uma viva experiência de liberdade. Não é pouca coisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997.

_____. *Cinema 2 – A Imagem-Tempo*. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. *Imanência: uma vida...* Tradução de Sandro Kobol Fornazari. In: Revista Limiar - vol. 2, nº 4 - 2º semestre de 2016.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia vol. 5*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: ed.34, 1997.

GUATTARI, Félix. A Transversalidade (1964). Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. In: *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

LINS, Daniel. *Antonin Artaud – o artesanato do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

_____. *Estética como acontecimento – o corpo sem órgãos*. São Paulo: Lumme Editora, 2012.

_____. *Juízo e verdade em Deleuze*. Tradução de Fabien Pascal Lins. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. Leitura rizomática ou o olho do silêncio. In: Evando Nascimento; Maria Clara Castellões de Oliveira. (Org.). *Leitura e Experiência : teoria, crítica, relato*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 205-218.

_____. Por uma leitura rizomática. In: Ada Beatriz Gallichio Kroef; Simone Cristina Medeiros. (Org.). *Conversações Internacionais Paisagem da Educação*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 2007, p. 105-126.

KANT, Immanuel. Que significa orientar-se no pensamento? Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. In: *Kant textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.